
Reflexões das Emoções no Discurso Político de Ana Júlia Ribeiro¹

Davi Jaivona Vittorazzi²

Denize Dall’Bello³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho é um estudo final da disciplina Semiótica e Comunicação do curso de Comunicação Social – Jornalismo, ofertado na Universidade Federal de Mato Grosso. Desenvolveu-se uma reflexão, com base nos autores estudados durante o curso, buscando compreender as emoções e o contexto do discurso da estudante secundarista Ana Júlia Ribeiro na Assembleia Legislativa do Paraná em 2016. No final, apresentamos uma entrevista transcrita realizada com a própria Ana Júlia em 14.04.2018.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Discurso Político; Movimento Estudantil; Ocupações.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu durante a realização da disciplina Semiótica e Comunicação, no 1º semestre 2017/2 na Universidade Federal de Mato Grosso.

A disciplina tinha como objetivo principal explorar a relação imagem e emoção do ponto de vista de alguns autores, como Christoph Wulf, Hans Belting e Norval Baitello. Como proposta de avaliação final, cada discente deveria apresentar um trabalho de análise livre que envolvesse a seleção de reportagens, eventos, acontecimentos na mídia corporativa e livre, explorando a relação corpo, punição, vergonha e ódio, falta de empatia, etc.

A ideia de elaborar uma reflexão que abrangesse o tema política apareceu mais para o final do semestre. Tínhamos dificuldade em pensar como esse trabalho de análise seria elaborado, porque pensávamos em signos e não o texto da emoção nas suas relações com o corpo e com a cultura.

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 2º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da FCA-UFMT, e-mail: davivittorazzi@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho: Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo - FCA-UFMT, e-mail: dallbello17@gmail.com.

A única certeza que tínhamos era trabalhar o discurso da estudante Ana Júlia na Assembleia Legislativa do Paraná. Ao assisti-la na tribuna, ficamos muito tocados. Um enorme sentimento de pertencimento invadiu-nos. Era a emoção em ação. Ficamos comovidos. O discurso foi escolhido, também, porque na época em que foi proferido, estávamos vivendo situações semelhantes nas instituições educativas que estávamos. Além disso, procuramos não divagar muito em relação às possibilidades de abordagens que esse tema poderia suscitar. Decidimos utilizar parte da bibliografia oferecida durante o curso como um exercício de reflexão. Como em qualquer escolha, ganhamos em alguns pontos e em outros, ficamos a dever. Queremos com isto dizer, que este trabalho deve ser entendido como uma tentativa de leitura sobre esses vastos campos do conhecimento que transitam em áreas igualmente diversas.

ANÁLISE DO DISCURSO DE ANA JÚLIA

Em 2016 a estudante Ana Júlia Ribeiro, de 16 anos de idade, discursou na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), justificando as ocupações das escolas no Brasil e contra alguns Projetos de Leis que afetariam severamente a educação em todos os níveis.

Causou-nos impacto ouvir o discurso de uma menina de 16 anos. Primeiro, porque ela era muito jovem e, segundo, por ela estar falando uma tribuna, lugar incomum para uma adolescente.

Neste ano inesquecível, estudantes de todo o país estavam ocupando escolas em defesa do direito mais básico: a educação.

Ao ouvir o seu apelo, o sentimento de nos vermos representados foi o mais intenso, dentre todas as emoções. São raras as situações onde estudantes podem ocupar a tribuna da Assembleia Legislativa, discursando para políticos. Tal situação mostrou abertamente que muitos políticos apenas se interessam em chegar ao poder para lá ficar e assim defender as suas próprias prioridades. Foram poucas as vezes que vimos tantos estudantes protestando, pedindo educação de qualidade, ocupando mais de mil propriedades. Segundo a Agência Brasil:

Mais de mil escolas e outros espaços estão ocupados em todo país por estudantes, de acordo com balanço divulgado pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes). Ao todo, segundo a entidade,

são 995 escolas e institutos federais, 73 *campi* universitários, três núcleos regionais de Educação, além da Câmara Municipal de Guarulhos, o que totaliza 1.072 locais. (TOKARNIA, Mariana. Agência Brasil, 2016).

Esse período também foi chamado de “Primavera secundarista”. O motivo da revolta dos estudantes foi a Proposta de Emenda Parlamentar (PEC) 241/2016 (Teto dos gastos), Medida Provisória 746/2016 (Reformulação do Ensino Médio) e a Lei Escola Sem Partido (conhecido como Lei da Mordação).

Embora Ana Júlia estivesse preparada para falar, o seu comportamento corporal denunciava tensão.

Christoph Wulf (2014, p.13), no artigo Emoções e Imaginação, diz que a apresentação das emoções íntimas e ser visto por outras pessoas acarreta na intensificação das emoções. Nas redes sociais, esse vídeo teve muitas visualizações e compartilhamentos. O internauta, quando se depara com tal situação, pode sentir-se também muito emocionado. Nós, por exemplo, de imediato nos comovemos.



Figura 1 - Ana Júlia Ribeiro na Tribuna da ALEP.

Fonte: <<http://www.atitudeto.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Ana-Julia-Ribeiro.jpg>>.

Segundo a Teoria Mimética, citada por Wulf nesse mesmo artigo, nós sentimos as emoções dos outros, porque somos capazes de nos colocar no lugar dessas pessoas. É o que aconteceu com todos os que assistiram a essa produção. Sentiram-se parte da situação emocional. Tanto foi assim que o público mobilizou-se, difundindo

rapidamente o conteúdo na internet. Uma busca no YouTube mostra o alto índice de visualizações que teve em várias postagens.

Tais ideias estão bastante relacionadas a um argumento defendido por Hans Belting (2014) e que praticamente intitula um dos capítulos do livro *Antropologia das Imagens*, chamado: *O lugar dos imagens*. Belting disse que o homem é o lugar natural das imagens, pois nele as imagens são armazenadas e interpretadas. Destacamos essa ideia, por causa das diferenças culturais, sociais e políticas que existem entre as imagens dos estudantes e as imagens dos parlamentares. De um lado, parlamentares acostumados com diversos discursos sobre projetos de leis que afetam a sociedade, de outro, uma estudante que vivencia a realidade de estudar em uma escola pública e representa, portanto, a parte que será afetada pelos projetos propostos. Quando ela externou as suas imagens internas através do seu discurso, junto vieram as emoções, mostrando que a afetividade é uma componente das palavras.

Durante todas as vivências da secundarista, as ocupações se tornaram imagens por ela armazenadas. Ao discursar na ALEP, ela apresenta essas imagens no seu discurso e, através dele, tenta sensibilizar os deputados para a situação desastrosa que a PEC, se implantada, poderá promover.

Como a própria Ana Júlia cita no discurso, é muito trabalhoso o processo de assimilação e interpretação das informações pelos estudantes. Ler tudo o que a mídia distribui, analisar as informações, compreender suas realidades exige capacidade crítica e conhecimento sobre como a mídia produz notícias. No contexto atual, é extremamente difícil saber o que é real e o que é falso. As pessoas tomam as versões como realidade. Isso ocorre por causa do alto grau de manipulação que a mídia corporativa exerce sobre a sociedade. Ela é parte ativa na criação de ficções sobre o que acontece. Wulf enfatiza que as modulações das emoções estão também em instâncias como a mídia, família, e principalmente, nas instituições educativas.

No caso dos estudantes que ocuparam algumas escolas em São Paulo contra a reformulação das escolas estaduais, proposto pelo governador Geraldo Alckmin, as emoções foram ao limite, pelo fato, justamente, de, além de serem estudantes, como foi dito, terem de saber quais ações deveriam ser realizadas para manter as escolas ocupadas. Se estivessem em situações de aula comum, certamente, o comportamento político e as emoções decorrentes desse seriam menos combativos.

Como vimos, quando esses estudantes eram filmados pelas emissoras de televisão nacionais e locais ou celulares, cresciam as posturas de luta e as representações.



Figura 2 - Alunos em aula na rua.

Fonte: <<http://f.i.uol.com.br/fotografia/2015/11/30/570553-970x600-1.jpeg>>.



Figura 3 - Estudantes em ato de protesto.

Fonte: <<http://www.appfoz.com.br/wp-content/uploads/2016/10/ocupaparana-2d904.jpg>>.

Ana, em seu discurso cita, também, a morte do estudante Lucas Eduardo Araújo Mota, de 16 anos, ocorrida em uma escola ocupada. Em sua fala, Júlia acusa os deputados de serem responsáveis pela perda trágica. A reação dos parlamentares foi imediata. O presidente da sessão cortou a palavra da estudante e disse que esta não poderia agredir os parlamentares dentro daquela Casa.

Em nossa análise, a repreensão do presidente da ALEP representa uma fuga ou uma imobilização contra a acusação feita. Wulf diz que, diante de uma ameaça reagimos, exatamente, dessas duas formas. Ciro Marcondes (2008), por sua vez, diz que o bloqueio é um mecanismo de defesa: por meio deles eu resguardo-me em minhas posições e rebato os argumentos contrários, pois poderiam colocar em xeque a minha estabilidade.

A relação de linguagem e emoção é evidente no discurso feito por Ana Júlia. No entanto, compreender todos os efeitos causados pela sua fala na população é impossível. Quanto a isso, Maturana se posiciona da seguinte forma:

O emocionar da convivência no discurso, na linguagem, não pode nem deve ser negado, porque é com ele que se dá o viver humano. É no emocionar que surgem tanto o amigo como o inimigo, não na razão ou no racional (MATURANA, 2002, p. 77).

Por mais que o discurso se encontrasse em um ambiente comum para tal, a pessoa do discurso e o contexto político do período influenciaram para a importância da fala. Não se emocionar com o discurso é quase impossível, a menos que o receptor tenha fortes posições políticas contrárias. Mesmo, assim, as emoções são fundamentais na compreensão do discurso. Segundo Maturana, se não aceitamos a presença do fluir emocional num discurso não o compreendemos.

ENTREVISTA

A seguir, apresentamos uma breve entrevista feita com a Ana Júlia no dia 14/04/2018. As perguntas elaboradas buscaram compreender melhor a perspectiva da estudante naquela situação de ocupação e resistência nas escolas. É uma transcrição adaptada da nossa conversa que foi gravada com a autorização da estudante:

1) Quais foram os sentimentos/emoções que você sentiu ao iniciar o discurso?

Ana Júlia: Eu estava muito nervosa, a minha perna tremia muito. Eu estava com medo, apreensiva. Eu estava insegura. Eu tinha um sentimento como “Eu preciso falar. Mas será que eu preciso?”. É uma coisa de passar a mensagem certa e conseguir falar claramente. E eu ficava mais nervosa ainda. Eu não me lembro de naquele momento ter um sentimento mais primitivo: “Estou bem, estou segura, vou falar e pronto”. Não, eu tinha uma sensação de “eu preciso falar, mas eu tenho medo de como vai ser interpretado o que eu vou falar”. Eu precisava fazer um contraponto, porque um dia antes tinham feito uma fala (na ALEP) bem agressiva e eu precisava fazer esse contraponto.

2) Como funcionavam as ocupações?

Ana Júlia: Eu acho que a gente cria esse sentimento de pertencimento, e a gente acaba se apropriando dele. É porque a gente se constrói tudo desde o início. Na minha ocupa eu fui atrás de fazer as assembleias, fui atrás das documentações, eu fui atrás de informações da Medida Provisória, de fazer cartas para enviar para os pais. Então tem toda uma organização, e que, quando você faz isso tudo, não tem como não se sentir pertencente, não se entregar de corpo a todo o movimento. Esse sentimento é muito geral, porque é o momento em que não tem ninguém orientando, não, é a gente que tem que ir atrás, é a gente que tem que escrever, tem que elaborar justificativas, a gente tem que fazer tudo. Então, construir tudo isso desde a base é que dá o sentimento de pertencimento.

3) Quais as relações que existiram durante as ocupações entre seus componentes tais como amizade, afetividade e etc?

Ana Júlia: É importante frisar que o movimento era formado exclusivamente por estudantes, mas isso não impedia que outras pessoas visitassem as ocupas ou nos ajudassem. Então, por exemplo, os meus pais foram fazer almoço um dia. A mãe de uma amiga foi fazer o jantar. Alguns pais dormiam nas ocupas e alguns colegas. Na minha ocupa não, só permaneciam estudantes e os responsáveis deles. Mas em outras ocupas não, tinham apoio de coletivos. A gente tinha pessoas que se solidarizaram com a pauta e nos ajudam/auxiliam no sentido de correr atrás de alimentação, de segurança.

E daí, a gente também tem manifestações de grupos contrários, que de uma maneira ou outra acabam participando dessa construção. Até porque as ocupas também são construídas com brigas e conflitos entre os grupos.

- 4) Durante o movimento vocês recebiam críticas dos próprios estudantes, mas também de parlamentares e senadores. Como vocês recebiam essas críticas e o que vocês faziam para supera-las?

Ana Júlia: As críticas sempre eram feitas de maneira muito agressivas. O que a gente fazia era criar páginas (redes sociais) para divulgar o que a gente estava fazendo e o nosso entendimento. Então, a gente abria a comunicação para que pessoas pudessem saber o que a gente estava fazendo. Frisando as atividades que eram feitas. Todas essas questões eram a melhor maneira de responder a isso.

- 5) Como você se preparou para discursar na ALEP?

Ana Júlia: O Patricki (Patrick Gnaszevski, do Movimento Desocupa Paraná) falou lá na ALEP, ele falou na terça. Depois da fala dele, 4 ou 5 horas da tarde, por cerca desse horário, me ligaram, da Assembléia, convidado para fazer uma fala de contraponto, em defesa das ocupações, juntamente com meu amigo Rafael Cole, me disseram isto “vai ser na quarta às 2h pm, tem que estar aqui com o responsável, etc”. Foi tudo em cima da hora, tive pouco tempo para me preparar. Eu me preparei quando eu cheguei na ocupa, era uma 10/11 horas da noite, eu sentei com alguns colegas, um dia antes eu tinha feito uma carta resposta a um jornal de Curitiba. Então, eu peguei aquela carta, peguei alguns pontos dela, as principais pautas sobre o movimento e fiz tópicos sobre cada coisa que eu devia falar. Eu já fui dormir tarde. Acordei fui para o escritório do meu pai me tranquei em uma sala e fiquei lá, falando com as paredes. Até dar o horário de ir para Assembléia. Não tinha um “texto”, não tive uma grande preparação.

- 6) Qual a importância daquele momento para você? Não só o discurso, mas o movimento das ocupações e todo aquele contexto.

Ana Júlia: Tanto o movimento, quanto o discurso acabaram sendo um marco na minha vida. Foi um divisor de água, acho que isso define melhor. Foi um momento

muito difícil, muitas aflições e dores, de não saber lidar com uma coisa que nunca ocorreu na minha vida, nunca tinha feito parte. O movimento das ocupas era muito novo para mim, eu não tinha o conhecimento. Eu não tinha uma noção concreta do que tava acontecendo. Meu gerou muitas possibilidades e também gerou certa expectativa do que nós enquanto movimentos secundaristas vão fazer daqui para frente. É meio difícil de falar.

7) O vídeo do seu discurso circulou na internet e provocou grande repercussão.

A que se deve isso?

Ana Júlia: É uma ótima pergunta e eu me faço ela todos os dias. Eu realmente não sei. Eu acho que não falei nada de extraordinário. Talvez seja porque as pessoas não esperem que adolescentes consigam falar. Na verdade, na minha leitura, tenha sido devido à conjuntura, um momento muito pesado de um Impeachment, na minha visão um golpe parlamentar. Acho que isso influencia, mas também a situação que vinham as ocupas, as repressões que estavam sofrendo e mesmo assim crescendo. Outro problema que é o falecimento do Lucas, todo um desvio sobre o que foi isso, tendo uma criminalização que as ocupas estava sofrendo. E eu tentando mostrar o outro lado. Então, é bem difícil pensar nisso, mas acho que tudo isso influencia. Mas, eu não tenho uma resposta concreta.

8) Dê que forma concreta isso afetou sua vida?

Ana Júlia: Eu passei a viajar muito no ano de 2017, conheci muitos estados do Brasil, só falando dos Movimentos das Ocupas. Isso nunca foi uma coisa que me vi fazendo. Depois disso eu acabei sendo convidada a coordenar uma campanha de um Nobel da Paz. Uma coisa que nunca teria acontecido se não fosse o Movimento de Ocupas. Eu participava muito nas Instituições como Senado e Câmara. Fui até pra fora do país. Conheci muita gente no “poder”, com mandato. Eu consegui publicar artigo na revista Carta Capital. Eu estava no terceiro ano do Ensino Médio, tinha que estudar para o vestibular e eu tinha muita oportunidade, mas eu não tinha perna para acompanhar todas elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, gostaríamos de fazer uma observação sobre a memória e a sua relação com a emoção e com a linguagem. A manutenção da memória do discurso é construída sempre quando há uma releitura do ocorrido. Por exemplo, o relato de Ana Júlia sobre as ocupações, o presente trabalho, as notícias já lidas, as conversas informais ou formais na universidade e outros modos de compartilhamento sobre o assunto são formas que ativam esse acontecimento de 2016. Essa memória e as suas imagens criam vínculos com o presente.

Novamente, fazendo referência a Belting sobre o lugar das imagens, ele disse que o corpo é o lugar vital das imagens. Assim, quando recuperamos no YouTube o discurso da estudante, quando conversamos por telefone com Ana Júlia, conforme se pode ler na entrevista, muitas imagens reapareceram no encontro entre nós e os meios digitais. As imagens se manifestam no corpo e por meio dele. Elas precisam de um meio para existir. Esse corpo pode ser natural – o nosso – como pode ser tecnológico. Ambos prolongam a presença das imagens e retém memórias.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO, Norval, WULF, Christoph. **Emoção e imaginação: sentidos e as imagens em movimento**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2014.
- BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Editora KKYM, Portugal, 2014, p. 79-116.
- EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel (Leya), 2011.
- FILHO, Ciro Marcondes. **Para entender a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, 2002. 96 p.
- TOKARNIA, Mariana. Mais de mil escolas do país estão ocupadas em protesto; entenda o movimento. **Agência Brasil**, Brasília, 25 out. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- WULF, Christoph. **Antropologia da Educação**. Alínea Editora, 1994.